

Entre árvores, plantas e perfumes

Rosa Assis *

As árvores não perdoam asneiras (Eneida)

Ler um livro de memórias é transitar pelo vivido do *outro*, penetrar as imagens dispostas na lembrança como peças de um jogo do tempo e com o tempo. E essa viagem pelo passado organizado, quase sempre de modo afetivo, é mais fascinante quando a memorialista é uma Eneida (de Moraes), escritora da literatura paraense, escritora da literatura brasileira. Crônicas suas reunidas em *Aruanda* e *Banho de Cheiro* são retratos - mas idealizando o real - do viver sem sobressaltos, no caso, do cotidiano pacato da Belém do Pará do ontem, com as suas formas de ser e de pensar provincianos iluminando, com a graça da reminiscência flagrada, a memória da escritora que se exilara na Capital Federal. O Rio de Janeiro fez-se a pequena torre de onde Eneida passou a olhar o passado, roubando-lhe a guarda dos fragmentos da memória com que compôs a narrativa igualmente fragmentada das suas crônicas. Na reunião dessas imagens não faltariam, inclusive, *flashes* da passagem da cronista pelos cárceres de Getúlio Vargas.

Do conjunto multiforme da memória, organizada pela escritora como um painel agrupando parcelas de sua percepção do real vivido e revivido na lembrança, sobressai um componente a emprestar vigor à sensibilidade de Eneida: o seu apego às plantas, ao verde, aos aromas da mata, uma das faces dessa criatura da floresta mágica que foi a escritora paraense. Homenagear Eneida é também reconhecê-la como uma *verde*, na sua própria identidade maior com a terra-mãe que lhe tocou a vida, animando-a com as sombras e as seivas perfumadas do grande ervanário amazônico.

As crônicas ornadas de árvores, plantas e perfumes, agrupadas em *Aruanda* e *Banho de Cheiro*, e objeto dessas anotações, são, na verdade, mais do que um relato, do que um exercício de memória: são uma recolha de impressões, de imagens do vivido. Trabalhando as suas crônicas, consegue a escritora, por meio de cores vivas, pintar paisagens e ambientes, imprimindo no leitor a sensação de já haver percorrido os lugares que enformam a narrativa. São, assim, *telas* agradáveis, perfumadas, familiares, ambiências que um dia serviram de cenário para que Eneida representasse os tempos fundadores da sua vida em Belém do Pará, a cidade real que um dia habitou e a imaginária que, a distância, continuou a habitar. Há uma leveza de fim de tarde em seus textos! Tudo leva à cumplicidade entre

o leitor e a voz que flui da narrativa; a simplicidade da linguagem e o coloquial da *conversa* dissolvem a escritora, recriando-a na forma imaginada de uma amizade de vizinhança, modelada por uma vida de conversas de janela...

Suas crônicas, diz Eneida, são um livro de recordações, mas de recordações, completaria eu, formadas de partes infinitas, por vezes semelhantes, por vezes irregulares, onde misturam-se o passado e o presente, a criança e o adulto, o novo e o velho, a vida e a morte, a alegria e a tristeza - emaranhado de antíteses que formam o grande painel da vida de Eneida, mas cuja harmonia interior aparece refletida em suas páginas densas de calor humano, dando um clima de intimidade ao ambiente descrito. Assim, acabamos passeando e viajando com ela entre jardins, árvores e ervas perfumadas da Amazônia: *Se tive na minha infância tanta gente, se tantos personagens compõem a minha vida passada, se uns foram grandes e outros menores, se tive quem contasse estória em francês e outras me ensinaram lendas, se me embalsamaram e acalentaram, não posso esquecer, entre esses personagens, os vegetais, árvores e arbustos, frutos e flores que viveram minha primeira infância. (A açucena serviu depois para os meus sonhos de mocinha. Perfumava todos).* (Muitas árvores, p. 54).

O primeiro cenário, o jardim fundador das imagens e das sensações que Eneida carregaria por toda a vida, reforçando os seus vínculos com a natureza, com a terra amazônica, foi o espaço da casa paterna: *o quintal era o nosso feudo. Ao fundo aquela senhora vegetal tão gorda, tão grande que só ela, marcava uma enorme área de sombra no quintal imenso: a mangueira, a velha mangueira, única árvore que, pela imponência e dignidade do porte, merecia nosso respeito* (Muitas árvores, p.51). E além da majestosa

* Rosa Assis é doutora em Língua Portuguesa e professora do Departamento de Língua e Literatura da UNAMA

1 ASSIS, Rosa. Uma leitura nas cartas de Dalcídio Jurandir. In: Asas da Palavra, no. 4, Revista do Curso de Letras, UNAMA, 1996

2 ASSIS, Rosa. Uma festa junina na casa de Bruno de Menezes. In: Asas da Palavra, no. 5, Revista do Curso de Letras, Unama, 1996

ASSIS, Rosa. Os cheiros da terra em alguns poemas de O Batuque, de Bruno de Menezes. Palestra proferida na UNAMA, outubro/96. (não publicada).

mangueira, reunia ainda esse *eden* familiar *abieiros, goiabeiras e caramboleiras*, árvores, todas elas, *nossas irmãs e companheiras de travessura, compartilhavam de nossas ingênuas brincadeiras...* (Muitas árvores, p.54 - os grifos são nossos)

Essa visão de um quase paraíso familiar, encontrei eu em mais de uma crônica dos livros de Eneida acima referidos. A poética das imagens identificou-me com a escritora, pois, natural de Belém e da sua cultura, também minha infância foi defumada pelo cheiro das ervas, pelo aroma das plantas. De um arbusto de quintal (da família das *mirtáceas*) sem maiores distinções e nomeações botânicas, tirávamos flores miúdas, às quais chamávamos *murtinha*. Minha avó materna, nascida nas margens do Caeté, com ramos de *murtinha* enfeitava e perfumava seus longos cabelos, presos numa espiral, ao alto da cabeça - era, isso sim, um soberbo pitó.

Árvores frutíferas, poucas é verdade, também deram sombra, mas principalmente sabor, à minha infância de menina urbana. À mão (na verdade, no mundo de muitas mãos infantis), em nosso quintal, estavam a laranja-da-terra, a lima, o maracujá, o caju, a goiaba, o cacau, o limão. E no quintais vizinhos, também jardins de delícias separados de nós por cercas toscas, fronteiras sem qualquer autoridade sobre os primeiros paladares da vida, buscávamos frutas outras. Era o genipapo, que já caía da árvore *rindo*, o abricó, sempre um perigo para as nossas cabeças, a sapotilha, manjar disputadíssimo... Por todos aqueles domínios reinava, soberano, o sabor da vida em floração.

Também fui ungida com a seiva da floresta: saía das raízes e das ervas arrumadas para o banho de cheiro, grandes infusões administradas, em nome da boa sorte, por mamãe Celina e por tia Anita, nossa segunda mãe. Das mãos de mamãe saíam, igualmente, o açai, o tacacá a maniçoba, num trabalho de peneiras, panelas e zelo pelos filhos. Por isso é que digo ser o cenário das crônicas aqui lembradas muito familiar a mim, muito próximo, mesmo, a tal ponto que parece que o presente recupera o passado, por conta de uma narrativa fundada em evocações valorizadas pelo estilo preciso de Eneida.

Eneida não esquece nada, ou melhor, lembra de tudo, ouve vozes, escuta passos, sente odores, gusta sabores, tudo imprimindo à cada página de suas crônicas. Vejamos como recorda o açai: *Menina, como eu gostava de vê-la trabalhar: lavando em várias águas o açai, amassando-o em peneiras grossas e depois coando-o em mais finas, até obterem o líquido avermelhado, grosso, gostoso, alimento principal do caboclo amazônico.* (Pará, capital Belém. Cidade principais... p. 219). É verdade que o "progresso" fez com que esse processo artístico-manual, obedecendo estágios

ritimados, se transformasse em algo mecânico, sem vida e sem atração. Mas não é apenas o açai que aflora na visão de Eneida! É também o tacacá, em panelas brilhantes, alumínio feito: *nas ruas, em mesas armadas, com grandes panelas muito limpas sempre envoltas em grandes toalhas, caboclas vendem tacacá. É gostoso tomá-lo fumegante em cuiás, com gomas e camarões boiando entre folhas de jambu.* (Pará, capital Belém. Cidades principais... p. 219). Como o açai saído das peneiras, esta é outra paisagem que está desaparecendo de nossa cidade: as antigas mesas, armadas em toalhas, foram praticamente substituídas por carrinhos, que além do tacacá, tudo vendem. No interior dos seus corpos móveis sumiu a prata das panelas, espelhos a reluzir o sol flexante das tardes de Belém

Os aromas da terra sempre impregnaram a sensibilidade de Eneida, levando-a, muitas vezes, a "embrenhar-se" na floresta amazônica, catando nomes de árvores e de raízes que rescendiam os cheiros da mata, usando-os para *colorir* as suas crônicas: *macaca-poranga, casca-preciosa, louro, pau-rosa e tantas, tantas outras.* (Crônica nº 4, p. 223) Além da alma dos banhos de cheiros, também em suas crônicas estão as frutas paraenses, igualmente carregadas de aromas, algumas vezes caindo para o adocicado, como no caso do bacuri, outras para as impressões fortes, a exemplo do cupuaçu, mas todos sempre gustativos. São frutas que dão água na boca! *Minha cidade de Belém do Grão Pará: as mangueiras, as frutas, ah! as nossas frutas? No inverno: pupunha, bacuri, taperebá, cupuaçu, muruci, uxi, umari, abios, araçás, maracujás, tantas e tantas outras.* (Pará, capital Belém, Cidades principais... p. 218)

Falar de Belém e dos seus cheiros é falar no mágico e místico banho de cheiro antes mencionado, herança da nossa cultura xamanista, coisa da floresta, linguagem da mata. Escritores paraenses, cantores da terra e da gente do Pará, como Dalcídio Jurandir,¹ Bruno de Menezes² e a própria Eneida, tomam o banho de cheiro como um ritual, uma cerimônia de iniciação na cultura da floresta. No caso de Eneida, esta foi bem mais longe, pois além de ter uma crônica intitulada *banho de cheiro*, também assim batizou um de seus mais famosos livros de crônicas. Dessa forma, acabou perpetuando, aqui e acolá, o cultivo das ervas cheirosas, preservando ou despertando o interesse do leitor, se alheio à terra, em tomar o banho de cheiro, de *cheiro-cheiroso* ou de *felicidade*, como queria também a autora.

Nas crônicas de Eneida repousa, porque já fora de nossos dias, o comércio ambulante, a venda de porta em porta das ervas e raízes do banho de cheiro. Assim, em meio a pregões, a fala, a propaganda dos tempos de

uma economia sem pressa, chegavam às nossas casas os cheiros todos, a seiva viva da floresta: *portas e janelas se abriam. Os homens paravam de casa em casa, desciam os tabuleiros; ervas, raspas, folhas, pedacinhos de madeira passavam de suas mãos às das compradoras.* (Crônica no. 1, p. 198)

É o banho de cheiro era a alma dos festejos juninos, fruto do sincretismo cultural que nos levou a batizar um aportuguesado São João nas águas barrentas do Amazonas, unindo-o com os óleos perfumados saídos do mundo da floresta. De tão mágica relação, São João, também o das fogueiras e dos compadres, torna-se um íntimo da cronista: *São João é personagem de minha infância; de São João sou velha e dedicada amiga.* (Banho de Cheiro. p. 69). Em algumas das crônicas de **Aruanda** e **Banho de Cheiro**, Eneida descreve o preparo do banho, a feitura da infusão, revelando os segredos da alquimia que transmuta a floresta nos mil aromas que recobrem as noites da Belém junina. A escritora, assim, ritualiza, pela narrativa, o batismo na cultura amazônica, descrevendo-o, prescrevendo-o: *nos fogões e nas fogueiras - as mesmas que iriam iluminar a noite de Santo - a grande lata fervia, com os vegetais perfumados da Amazônia que, ralados, esmagados, verde pela juventude ou amarelecidos pela velhice, dão, depois de fervido, um líquido, um líquido esverdeado com o exuberante perfume da mata virgem. Patchuli e pau-de-Angola, priprioca, catinga-de-mulata, manjerona, bergamota, pataqueira, cipó catinga, arruda, cipó uira, baunilha, corrente, perfumes selvagens é certo, mas que misturam a minha vida de hoje com a de ontem, com a mesma intensidade* (Banho de cheiro. p. 198). Apesar de já radicada no Rio de Janeiro, Eneida não deixava de tomar o seu banho de cheiro. Reafirmava, pelo ritual das *águas da felicidade*, a sua condição de criatura tropical, de sujeito de uma cultura nascida nos espaços mágicos revelados entre a floresta e o rio

No mundo imaginário, um fio puxa o outro. Das raízes e ervas cheirosas corremos para as plantas ornamentais e aromáticas, perfumadas, também companheiras da infância de Eneida: *na casa de meu pai, quando nasci, minha mãe mandou plantar um pé de açuceneira. Cresceu comigo, junto à janela de meu quarto.* (Pé de cachimbo. p. 126) Mais tarde, adulta, já vivendo na cidade grande, era como uma prisioneira dos espaços ínfimos, principalmente se comparados àqueles em que vivera a sua infância, Eneida manteve-se cercada de suas amigas inseparáveis - as plantas: *olho no pequenino apartamento onde hoje moro, tão longe de minha infância e de minha mocidade, as plantinhas que me cercam. A bem julgar, não há lugar*

para elas, mas como viver sem suas presenças? (Crônica no. 4 p. 224)

Os cheiros da Amazônia foram uma constante na vida e na literatura de Eneida. Envolta em plantas e ervas aromáticas, como se fosse um halo perfumado, vivia a escritora no remanso de "um mar de flores": *nos dois jardins que ladeavam a casa floresciam rosas Monte Cristo, tão vermelhas e perfumadas, dalias de todas as cores, jasmims bogaris enchendo com seu cheiro espalhafatoso as noites.* (Crônica nº 1 p. 215). Tanto a açucena quanto o jasmim aparecem repetidas vezes em crônicas dos livros acima já referidos. A suavidade dos seus aromas, herança afetiva e olfativa recebida por Eneida, imprimia uma *marca* inesquecível às noites da Belém das primeiras décadas deste século. A cidade, então feita predominantemente de casas, era um sem-fim de pequenos jardins e de quintais, fonte dos aromas que banhavam a capital adormecida.

A melhor síntese da relação, sensivelmente profunda, de Eneida com o verde do *éden* que carregou consigo a vida toda, foi feita por ela mesma: aspirou transmutar-se em árvore. Imagem igualmente edênica, e por isso mesmo fundada no sentido das grandes comunhões, se um vegetal fosse, *como vegetal, eu gostaria de ser eucaliptos: nunca se vê um sozinho. Sempre em multidão.* (Crônica no. 4. P. 225)

Para finalizar, não é demais ressaltar que as águas de **Banho de Cheiro** também possibilitam um outro tipo de mergulho na cultura amazônica, agora por conta de algumas das lendas fundadoras da identidade regional. Assim, por entre as páginas da narrativa de Eneida, vivem o boto, a boiúna, a iara, o uirapuru, em meio, ainda, ao universo mágico das nossas credices, como a do maravilhoso banho da batata vai-volta, ou a do carrapato, ... na verdade, criações populares das *simpatias*, no sentido etimológico da palavra.

É, Eneida, lendo tuas crônicas voltei à minha infância. Vi minha casa da Praça da República, reví, na memória, minha mãe e minha avó, lembrando ainda de minha tia Anita, hoje com mais de 90 anos. Corri com meus irmãos para a "colheita selvagem", à busca das frutas nos quintais vizinhos, como o do antigo Grupo Escolar Floriano Peixoto, hoje Casa da Linguagem. Passei novamente pela temida *lama gulosa*, que imaginávamos dominar parte de um grande terreno cujo fundo confrontava com o quintal de minha casa, área onde depois abrigaria um posto do INPS (atualmente SUS). Lembrei, ainda, do temido quintal do General ... limite de nossa liberdade e interdito da nossa aventura de meninos. Hoje, tudo é memória, tudo é silêncio, saudade, recordação ...